

A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUAS NA CONTEMPORANEIDADE LÍQUIDA DA PÓS-MODERNIDADE

Hilário I. BOHN (Universidade Católica de Pelotas)
Luciana Iost VINHAS (Universidade Católica de Pelotas)

ABSTRACT: *We establish a parallel between Applied Linguistics and Sociology in order to understand the identity of the language teacher. The data come from a text written by a prospective language teacher. The analysis is made in the perspective of a Bakhtinian view of language. The analysis shows a relation between the identity meanings expressed in the text and the language that constitutes this identification.*

KEYWORDS: *Identity, Postmodernity, Sociology, Applied Linguistics, Languages Teacher*

0. Introdução

Os estudos da identidade, tanto no Brasil como no exterior, têm sido abordados por pesquisadores de diversas áreas do saber. Entre estes, os pesquisadores dos estudos culturais têm trazido uma contribuição importante para a compreensão desta atribuição humana, tanto na sua definição como sobre o processo de constituição (HALL, 1992, 2004; SILVA, 1999, 2004). Outra vertente teórica importante que perpassa os estudos identitários é o da psicanálise, sendo especialmente significativas as contribuições de Lacan. Estas podem ser encontradas, por exemplo, em Signorini (1998) e Chnaiderman (1998). Pode-se afirmar que os estudos identitários dos linguistas aplicados brasileiros se articulam em torno destes cenários teóricos, mas o fazem freqüentemente dentro de uma perspectiva de definição de linguagem e de interpretação discursiva, assim como desenvolvida na França por Pêcheux e no Brasil por Orlandi (2001, 2004) e por outros pesquisadores da análise do discurso. Outros estudiosos fazem a sua interpretação dentro de uma concepção de linguagem bakhtiniana, como discutida em Bakhtin (Bakhtin e Volochinov, 1997, 2002) e seu Círculo que, segundo Faraco (2006:15), era constituído por vários intelectuais, com interesses variados, incluindo filósofos como Matvei I. Kagan, a pianista Maria V. Yudina, o professor de literatura Lev V. Pumpianski e os três que mais diretamente trabalharam a linguagem, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. Bakhtin e o seu Círculo propõem um ser humano semiótico, a consciência se constituindo na linguagem, como ser histórico, dentro de uma dialética social em que os sentidos são produzidos entre os interlocutores. No entanto, esta interdisciplinaridade raramente traz os aspectos sociológicos para a discussão. É o que pretendemos fazer neste trabalho.

Na discussão que fazemos, retomamos alguns conceitos da Sociologia e verificamos como podem contribuir para compreender a identidade, isto é, como pode ser definida, como se constitui e se movimenta junto com o indivíduo na interação social ou profissional. Fazemos esta discussão em quatro momentos: primeiro definimos brevemente sociologia e procuramos compreender o seu objeto de estudo; na segunda parte do texto examinamos alguns princípios da sociologia, especialmente como apresentados, desenvolvidos e discutidos na obra de Bauman (2005, 2000, 1995); num terceiro momento focalizamos a definição de identidade de Bauman; finalmente, discutimos os dados da pesquisa sobre o que significa ser professor nas palavras da escritora sujeito dessa pesquisa para, então, apresentarmos alguns comentários conclusivos.

Por motivos óbvios não se entra neste texto na discussão das diversas tendências dos estudos sociológicos, nem se procura fazer uma revisão das principais teorias que podem, de maneira ampla, ser resumidas nas propostas de Durkheim, Wilfredo Pareto e Max Weber. Por outro lado, contrariamente ao que fazem os dicionários especializados e enciclopédias que às vezes limitam as suas discussões, por motivos óbvios (Cf. BORLANDI et al., 2005), às contribuições de cientistas que já não são deste mundo, a orientação teórica delineada neste trabalho fundamentalmente focaliza as discussões feitas por Bauman, sociólogo vivo¹.

¹ Zygmunt Bauman nasceu na Polónia e iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, da qual foi afastado em 1968. Trabalhou nos EUA, Canadá e Austrália, mas a sua obra principal foi produzida na Universidade de Leeds, na Inglaterra. Publicou vários livros, entre os quais podem ser referidos *Modernidade e Holocausto*, *Vidas Desperdiçadas*, *Globalização: as conseqüências humanas*, *Em Busca da Política*, *Comunidade e Amor Líquido*. Todas as suas obras foram traduzidas para o português e publicadas pela Jorge Zahar Editor.

1. Sociologia, que ciência é esta?

Para brevemente definir e delimitar esta vasta área do saber humano, utilizamos inicialmente a contribuição de Abagnano como discutido em seu Dicionário de Filosofia. Segundo o autor, a sociologia

“É a ciência da sociedade, entendendo-se por sociedade o campo das relações intersubjetivas. Esse termo foi criado em 1838 por A. Comte, para indicar ‘a ciência de observação dos fenômenos sociais’ (...) é usado atualmente para qualquer tipo ou espécie de análise empírica ou teoria que se refira aos fatos sociais, ou seja, às efetivas relações intersubjetivas da sociedade, que pretendem explicar a natureza da sociedade como um todo, independentemente dos fatos e de modo definitivo.” (2000:914)

Dentro desta perspectiva pode-se compreender a importância da sociologia para a compreensão das identidades individuais, coletivas e profissionais. Elas são definidas e se constituem no social. É nas relações intersubjetivas que as identidades são assumidas e designadas, segundo Bauman (2005).

Conforme o importante sociólogo Durkheim os fatos sociais *consistem em modos de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotados de um poder de coerção graças ao qual se impõem a ele*².

A amplitude e complexidade dos fatos sociais e, portanto, da própria sociologia pode ser vista nas citações da contracapa do *Dictionnaire de la pensée sociologique* de Borlandi et al.(2005):

Autoridade; Bourdieu; Comunidade; Crime; Desvios sociais; Durkheim; Igualdade; Inquisição; Exploração; Frustração; Grupo; Imperialismo; Imitação; Integração; Justiça social; Marginalidade; Massa; Mauss, Memória coletiva; Mentalidade; Mundialização; Movimentos sociais; Pobreza; Políticas públicas; Poder; Previsão; Propaganda; Religião; Redes; Saúde; Sexualidade; Esportes; Tocquille; Totalitarismo; Violência urbana, Weber... (Tradução dos autores)

Por outro lado, ainda segundo Borlandi, a sociologia se relaciona e se vincula nas suas especulações teóricas a inúmeras áreas do saber tais como a Psicologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Biologia, a Estatística, a Demografia, a História, a Filosofia, a Pedagogia e em termos vivenciais se relaciona com a vida política, econômica, judiciária, burocrática, do trabalho, do empreendedorismo e com o consumismo. Esta interdisciplinaridade em que a Sociologia se movimenta parece bastante promissora para nos ajudar a compreender o próprio conceito de identidade e de como a subjetividade se articula e se estabelece no indivíduo.

É importante salientar que a abordagem sociológica que aqui abordamos se relaciona àquilo que na sociologia se refere a estudos analíticos, isto é, focaliza-se um determinado aspecto dos fenômenos sociais, contrariamente aos estudos sintéticos que procuram estudar ou compreender os fenômenos sociais em seu conjunto. Não se busca estabelecer generalizações, apesar de isto dificultar a construção de um construto conceitual unificado, o que não constitui objetivo deste trabalho.

2. O posicionamento de Bauman sobre a contemporaneidade

A obra de Bauman, como já salientado, é bastante recente, mas nem por isso deixa de examinar o social dentro de uma amplitude que pode ser definida como sintética, isto é, procura examinar a totalidade dos fenômenos sociais, estudados em seu conjunto e dentro de suas leis, em oposição a uma abordagem analítica cujo objeto de estudo são aspectos particulares do fenômeno social. Apesar da amplitude da obra do

² DURKHEIM, E. *Règles de la méthode sociologique*, 1985, citado em ABAGNANO, op.cit, p. 915).

autor, neste trabalho nos limitamos a examinar três suas publicações: *Identidade* (2005), *Modernidade Líquida* (2001) e *Modernidade e Ambivalência* (1999).

Uma boa justificativa para discutir identidade nos estudos de Bauman é a própria sociologia que faz. Segundo Vecchi, Bauman propõe um social em desenvolvimento, em movimento, “*nunca se contenta em definir ou ‘conceitualizar’ um acontecimento, em vez disso procura estabelecer conexões com fenômenos sociais ou manifestações do etos público que parecem muito distantes do objeto inicial da investigação, e tecer comentários sobre eles*” (2005: 7-8).

Os estudiosos brasileiros da identidade também trabalham dentro de uma perspectiva um tanto líquida, em que as identidades são definidas como construções sociais e culturalmente situadas e que são *formadas na relação inescapável e necessária com a alteridade* (Grigoletto, 2006:15).

Semelhantemente a Grigoletto, Bauman também discute a impossibilidade do ajuste completo da identidade. Ela é vista, por sua própria natureza, como algo intangível e ambivalente. Por outro lado o autor não busca respostas tranquilizadoras às suas indagações, mas

“projeta um mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela ‘vida em sociedade’ exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela inseridos. Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão inútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde.” (Vecchi, Introdução, 2005:8-9)

Bauman procura compreender, fundamentalmente, como a modernidade e a globalização afetam os seres humanos, não somente do ponto de vista econômico, mas estuda os seus efeitos sobre a vida cotidiana, porque além da globalização os indivíduos também são afetados pelo colapso do Estado, do bem-social e pela insegurança resultante, pela corrosão do caráter, pela flexibilidade do local do trabalho. Tudo isto leva ao esvaziamento das instituições democráticas e à privatização do público. Então estão criadas as condições para a insegurança, para o mundo ‘líquido’. Vecchi, na introdução da obra de Bauman, afirma:

“Numa sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de ‘solidificar’ o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída.” (2005:12)

Mas como se define esta liquidez de que nos fala Bauman? Segundo o próprio sociólogo, apoiando-se na *Enciclopédia Britânica*, a

“Fluidez é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos (...) é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão.” (2001:7)

Bauman continua com a sua descrição comparando o ‘fluido’ com o ‘sólido’:

“(...) os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer

forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas 'por um momento'. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas.” (2001:8)

É interessante observar o léxico utilizado por Bauman para definir a liquidez. Isto pode ajudar ao leitor compreender a transitoriedade e dispersão, muitas vezes também discutidas na literatura brasileira (CORACINI, 2003), da identidade contemporânea. Veja nas palavras de Bauman:

“Os fluidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam; são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos, contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de leveza.” (2001: 8)

Podemos agora examinar como os conceitos de liquidez e de fluidez da contemporaneidade propostos por Bauman podem ser relacionados com a identidade, tanto na sua definição como na sua formação.

3. A identidade na voz do sociólogo

Os lingüistas aplicados brasileiros, há cerca de uma década, insistem na não naturalidade da identidade e examinam o binômio língua e identidade como um fenômeno não dado (SIGNORINI, 1998:7). Bauman também nos lembra esta ‘não naturalidade’ da subjetividade, mas em vez de buscar uma explicação no binômio língua e identidade na psicanálise, busca no social esta explicação. Segundo o autor: *“Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’ predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso”* (2005:30). Nesta busca também, de algum modo, poderia estar uma explicação da própria crise da identidade de que nos fala Silva (2004) e do conceito da lógica agonística desenvolvida por Grigoletto (2006)³.

Apesar da liquidez da contemporaneidade, as pessoas sentem a necessidade da ‘pertinência’, do pertencimento, Lars Dencik, citado por Bauman, assim se expressa:

“As filiações sociais – mais ou menos herdadas – que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade: raça... gênero, país ou local de nascimento, família e classe social agora estão se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo, há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e

³ Grigoletto (2006) define esta lógica: “Rajagopalan afirma a existência de duas lógicas a partir das quais é possível pensar a identidade: a lógica da resolução, que é a lógica da lingüística, por exemplo, e uma lógica que podemos denominar agonística. A lógica de resolução é teleológica, isto é, pressupõe-se um caminhar para um fim único, para um ponto onde haveria a resolução de todos os conflitos. Já a lógica agonística propõe justamente a saída do primeiro tipo de lógica, postulando que a sociedade e os indivíduos devem ser pensados como constituídos por tensões e conflitos que não serão dissipados numa sociedade ideal”.

que possam facilitar a construção da identidade” (In: BAUMAN, 2005:30-31).

Isto não tem sido uma tarefa fácil. *“Buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.* (Idem, 2004:32). As comunidades que vivem juntas numa *ligação quase absoluta*, são cada vez mais raras, a maioria são *fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”* (BAUMAN, 2005:17).

As identidades perderam a sua estabilidade (OLINTO, 2002), têm validade limitada e são dispersas, por isso talvez também difíceis de serem compreendidas. Senão vejamos o que diz Bauman em seu livro *Identidade* quando se refere a um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim: *“Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, árabicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro”* (BAUMAN, 2004:33).

Veja a ambigüidade, a ambivalência, referida no seguinte parágrafo:

“O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, ‘nem-um-nem-outro’, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativas – é algo cada vez mais malvisto” (BAUMAN, 2004:35).

Então, é dentro desta leveza fluida da contemporaneidade que procuramos compreender a identidade profissional do professor. Para isto examinamos um conjunto de expressões de alunos-professores de línguas, fruto de um comando que os convidava para elaborar um texto sobre ‘o que é ser professor de línguas’. A grande maioria dos sujeitos é do sexo feminino. Os textos foram produzidos pelos alunos fora da sala de aula, em suas residências, e eles tiveram cerca de uma semana para realizarem a tarefa. Neste nosso estudo focalizamos um destes textos (ver anexo). Tenta-se, em primeiro lugar, verificar que sentidos a escritora produz, dentro de uma concepção de linguagem bakhtiniana em que a consciência humana é constituída pelos signos e a subjetividade se estabelece numa contínua dialética do sujeito interagindo no social. Depois se procura estabelecer alguns paralelismos entre estes sentidos e as idéias formuladas em Bauman.

Os sentidos produzidos no texto podem gerar as seguintes formulações: Ser professor significa:

1. Ter curiosidade;
2. Estudar a complexidade da linguagem;
3. Ter a convicção de que a linguagem é revolucionária;
4. Motivar os alunos a serem curiosos;
5. Desenvolver competências ao longo da formação;
6. Ensinar a compreender o mundo complexo;
7. Utilizar a linguagem para ensinar a pensar;
8. Convencer os alunos de que o conhecimento se constitui no simbólico;
9. Desvelar sentidos;
10. Mostrar que as interpretações têm legitimações;
11. Interpretar textos;
12. Presentear os alunos com a clareza;
13. Formar sujeitos conscientes e críticos;

14. Fazer acordos semânticos;
15. Motivar os alunos à mudança;
16. Facilitar a aprendizagem pela curiosidade;
17. Sentir-se motivado para motivar os alunos;
18. Ser consciente das responsabilidades profissionais;
19. Reconhecer as dificuldades inerentes a profissão;
20. Encarar as contradições; e
21. Aceitar a polissemia referente à própria definição de ser professor.

A análise mostra uma forte relação entre os sentidos identitários expressos no texto da professora-escritora e a linguagem. Mesmo nas formulações em que esta relação não está diretamente expressa, ela subjaz aos processos interativos em que a subjetividade, as habilidades-competências são construídas. Veja-se, por exemplo, no aspecto da curiosidade, na construção da motivação, no desenvolvimento das competências; o simbólico parece estar fortemente envolvido, porque é na interação, na dialética da construção dos sentidos, no confronto das historicidades que os acordos semânticos são estabelecidos. Pode-se, pois, perceber pontos de encontro entre a liquidez, a fluidez da contemporaneidade como definida por Bauman, discutida em Bohn (2005) e a construção de sentidos, a linguagem se constituindo no embate social como proposto por Bakhtin. As identidades parecem movimentar-se nesta transitoriedade, nesta dispersão de que falam os lingüistas aplicados (Cf. CORACINI, 2003), nas identidades líquidas, fluidas discutidas e propostas por Bauman e nos sentidos nunca definitivos, das palavras em movimento, vivas de que nos fala Bakhtin. Os sentidos apresentados no texto da professora-escritora parecem movimentar-se, por um lado, em torno de um eixo, chamado linguagem, mas ao mesmo tempo cria-se a instabilidade, a liquidez em que se contesta a unicidade, a homogeneidade.

RESUMO: Estabelecemos paralelismos entre a Lingüística Aplicada e a Sociologia para compreendermos a identidade do professor de línguas através da análise de um texto de uma formanda em Letras. Partindo da concepção de linguagem bakhtiniana, identificamos uma relação entre os sentidos identitários expressos no texto e a linguagem, constitutiva desta identificação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Pós-modernidade, Sociologia, Lingüística Aplicada, Professor de Línguas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Michael (Volochinov). *Marxismo, e filosofia da linguagem* (trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). São Paulo: Editora Hucitec, Annablume, 2002.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. (trad. Paulo Bezerra). 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência* (Trad. Marcus Penchel). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. *Modernidade líquida* (Trad. Plínio Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *Identidade* (Trad. Carlos A. Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BOHN, Hilário I. A formação do professor de línguas – a constituição de uma identidade profissional. *Investigações – Lingüística e Teoria Literária*, v. 17, n. 2, p.97-114, 2004.
- BORLANDI, Massino et. alii. *Dictionnaire de la pensée sociologique*. Paris: Quadrige/PUF, 2005.
- CHNAIDERMAN, Mriam. Língua(s)-linguam(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In : SIGNORINI, M. I. (org.). *Lingua(gem) e identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 47-68, 1998.
- CORACINI, Maria José. A celebração do outro. In: CORACINI, Maria José. (org.). *Identidade e Discurso : (des)construindo subjetividades*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP ; Chapecó : Argos Editora Universitária, p.197-222, 2003.
- FARACO, Carlos A. *Linguagem e diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.

- GRIGOLETTO, M. Leituras sobre a identidade : contingência, negatividade e invenção. In : MAGALHÃES, I., GRIGOLETTO, M. e CORACINI, M. J. (orgs.). *Práticas identitárias – língua e discurso*. São Carlos, SP: Editora Claraluz, p. 15-26, 2006.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In : SILVA, T. T. da. (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 103-131, 2004.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (trad. Guacira Lopes Louro). 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- OLINTO, Heidrun k. Carteiras de identidade(s) de validade limitada. In : MOITA LOPES, L. P. E BASTOS, Liliana C. (orgs.). *Identidades – recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 257-266, 2002.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP : Pontes, 2004.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso – princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- SIGNORINI, M. I. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In: SIGNORINI, M. I. (org.). *Língua(gem) e identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.333-380, 1998.
- _____. Apresentação. In: SIGNORINI, M. I. (org.). *Língua(gem) e identidade – elementos para ma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.7-8, 1998.
- SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In : SILVA, T. T. da (org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, p.73-102, 2004.
- _____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte : Autêntica, 1999.

ANEXO

A professora de línguas e seus sentidos

A esta altura de minha formação no curso de graduação em Letras, ser professora de línguas significa, no mínimo, três coisas: ter a curiosidade para estudar a complexidade da linguagem, ter a convicção que o saber lingüístico é um instrumento de revolução capaz de mudar o mundo e querer passar essa curiosidade e essa convicção a outros. Não que eu tinha tal idéia quando fiz a escolha pela docência. Esses sentidos foram se criando ao longo do curso. Entretanto, essa é a primeira vez que isso me é questionado de forma, digamos, direta. E acredito que os três caminhos de sentido, escolhidos dão conta do recado para respondê-la.

A curiosidade, na minha opinião, é inerente à prática docente. O professor que um dia deixa de ficar invocado com o funcionamento da linguagem e a maneira como através dela criam-se simbolismos e instituem-se formas de pensar e de agir é um profissional em vias de aposentar-se. E se ele, em nenhum momento viu-se curioso, então é sinal que escolher a profissão errada. Essa curiosidade está bastante relacionada com o processo de aprendizagem. Aprender é querer conhecer e compreender a complexidade das coisas do mundo. Uma professora de línguas ciente desta premissa e esforçada para colocar em prática essa convicção na busca pelo aprender, terá a sua frente o esboço do caminho que leva ao segundo significado, o de ensinar uma ou mais línguas, qual seja, a convicção que o saber lingüístico possibilita revolucionar o mundo através do conhecimento do simbólico.

Aquele professor que numa sala de aula, em conjunto com seus alunos, desvenda a intrincada gama de possíveis sentidos de um texto, que desvela as ambigüidades e que traz à tona o que não está dito, mas que é possível alcançar via aquilo que é dito, presenteia os alunos com uma clareza (ainda que nunca plena) sobre as linguagens que os cercam. Trabalhar em sala de aula tendo por objetivo demonstrar que são inúmeras as possibilidades de sentido de um texto e ao mesmo tempo há uma orientação para uma interpretação, ajuda no despertar de um sujeito consciente e crítico quanto à linguagem que o cerca e o constitui enquanto tal.

Esse trabalho de desvelamento e compreensão da linguagem torna mais fácil trilhar o caminho que incentiva a curiosidade e desperta o desejo de mudar as coisas. O professor que transmite aos seus alunos a curiosidade e a convicção tem, em muito, seu trabalho facilitado. Seja em aula de língua materna ou língua estrangeira, o aluno se sentirá motivado se o professor também o estiver.

Ser professora de línguas, portanto, significa estar consciente que esta profissão encerra uma responsabilidade muito grande. Ao mesmo tempo em que é repleta de dificuldades. Encarar as contradições inerentes à profissão, demonstrar curiosidade para compreender a linguagem, transmitir a convicção de que nem tudo é aquilo que parece ser é o significado de ser professora de línguas.